



CENAS DA PESQUISA E DOCÊNCIA EM TEATRO EM UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR

SCENES FROM THEATER RESEARCH AND TEACHING IN A NON-SCHOOL EDUCATION SPACE

Patricia da Silva Wiersbitzki¹

Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Com o presente artigo compartilho um recorte das experiências e reflexões que emergiram a partir da minha pesquisa de Mestrado Profissional em Educação pela Uergs, desenvolvida junto a adolescentes participantes de um projeto social em Porto Alegre/RS. A investigação, ancorada na Prática Artística como Pesquisa (PaR), buscou propor reflexões sobre “possíveis cenas de emancipação”, tomando-as como acontecimentos singulares e sensíveis que emergem a partir da experiência teatral. Tais acontecimentos sensíveis revelaram-se como possibilidades para repensar práticas educativas e docentes, compreendendo o teatro como espaço de invenção, deslocamento e resistência frente às condições de disciplinamento impostas pela sociedade capitalista. Nesse sentido, esse texto aborda os atravessamentos da prática docente da autora, oferecendo a ideia de que criamos situações em que as aulas de teatro puderam fomentar encontros potentes, singulares, junto aos adolescentes, e que, aqui, tratados como pesquisa, acionaram outras maneiras de poder percebê-los, dando atenção a alguns aspectos que talvez, na dinâmica corrida da vida e da docência, passem despercebidos, constituindo-se como uma contribuição para diferentes contextos educacionais.

Palavras-chave: teatro; docência; educação não escolar; Prática como Pesquisa; emancipação.

Abstract: With this article, I share a sampling of the experiences and reflections that emerged from my Professional Master's in Education research at Uergs, conducted with adolescents participating in a social project in Porto Alegre, Rio Grande do Sul. The investigation, anchored in Artistic Practice as Research (PaR), sought to propose reflections on "possible scenes of emancipation," considering them as singular and sensitive events that emerge from theatrical experience. These sensitive events revealed possibilities for rethinking educational and teaching practices, understanding theater as a space of invention, displacement, and resistance against the conditions of disciplining imposed by capitalist society. In this sense, this text addresses the intersections of the author's teaching practice, offering the idea that we created situations in which theater classes were able to foster powerful, unique encounters with adolescents, and that, here treated as research, triggered other ways of being able to

¹ Atriz, educadora e pesquisadora. Doutoranda no Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) onde desempenha o papel de bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. Mestre em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). Possui graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Especialização em Artes pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). <http://lattes.cnpq.br/0501200530840938>. <https://orcid.org/0009-0001-1069-7994>.



perceive them, giving attention to some aspects that perhaps, in the busy dynamics of life and teaching, go unnoticed, constituting a contribution to different educational contexts.

Keywords: theater; teaching; non-school education; Practice as Research; emancipation.

1 INICIAR: RITUAIS DE CHEGADA

Neste texto apresento um recorte do caminho trilhado na realização da pesquisa de Mestrado Profissional em Educação, sob o título Possibilidades de nós: teatro, educação e cenas emancipatórias² vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. A pesquisa em questão aconteceu entre os anos de 2021 e 2023 e teve como locus ao realizar encontros de teatro com adolescentes participantes de projeto social no bairro Cavallhada, na cidade de Porto Alegre/RS, propor reflexões sobre “possíveis cenas de emancipação”, consideradas como acontecimentos sensíveis, momentos que irromperam de diferentes formas e intensidades a partir e junto com a experiência teatral.

A pesquisa reuniu cenas, fragmentos de escritas, falas e imagens, o principal conceito abordado foi emancipação e no campo do teatro os principais autores estudados foram Augusto Boal, Julian Boal e Jorge Dubatti, na filosofia e educação as principais inspirações partem das obras de Jacques Rancière, Paulo Freire e bell hooks. Junto a dissertação foi desenvolvido um produto educacional em formato de podcasts³, voltado para docentes de teatro, com o objetivo de contribuir para suas práticas em contextos escolares e não escolares.

A investigação refletiu sobre o que aconteceu nesses encontros como possibilidade emancipatória e que puderam contribuir para pensarmos a força e energia do teatro nos processos educativos, como mobilizador de vida, de deslocamentos, de invenções, para repensar as relações coletivas e as experiências

² O trabalho completo está disponível neste link: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/3078>

³ O produto educacional está disponível neste link: <https://www.youtube.com/@RastrosdeumaEducadoraInquieta>



em sala de aula. Além disso, o trabalho também considerou as reverberações no meu trabalho docente, é sobre esse recorte que esse artigo se dedica.

Busco nesse escrito um caminho para pensar junto com a formação da artista, educadora e pesquisadora apresentar o modo como se olha e vive a pesquisa e a docência em teatro naqueles lugares tidos como “a margem”, territórios e pessoas marginalizadas.

Olhos abertos para criar, ser e sentir a pesquisa e a docência. As questões que se apresentaram nessa caminhada do pensamento, das vivências e do exercício da pesquisa são múltiplas, deslocaram-se entre o espaço-tempo da sala de aula onde os encontros com os adolescentes aconteceram e permaneceram vibrando no corpo coletivo em que nos transformamos. Uma caminhada que não se construiu na solidão: foi sobre andar junto e se transformar ao pesquisar, sobre viver a pesquisa de dentro. Assim, busquei, nesse caminho, modos outros de fazer/viver a atriz educadora-pesquisadora que sou e que foi se [re]constituindo, [re]aprendendo nesses encontros.

2 MOVIMENTAR: ABRINDO CAMINHOS

É relevante ressaltar nossa escolha por usar o termo educação não escolar em vez dos mais usuais, como educação não formal (aquela que ainda acontece de forma intencional e formativa, mas fora dos ambientes escolares) ou educação informal (aquela que acontece no cotidiano das pessoas, nas relações e interações com os outros e com o mundo). Entendemos que as formas de nomeação atribuem níveis e hierarquizações nas práticas educacionais e nas diferentes formas de ensinar e aprender. Ou seja, buscamos valorizar a potência e a importância da educação produzida em tempos, espaços e formas não escolarizados, na “defesa de uma educação escolar e não escolar – que sejam diferentes, porém complementares” (Vianna *et al.*, 2020, p. 586).

Outro aspecto pertinente é a escolha metodológica da pesquisa, a partir da *Practice as Research (PaR)*, traduzida como *Prática como Pesquisa*, demarcamos a vivência e a experiência artística como o próprio método investigativo, uma vez que, para Ciane Fernandes *et al.* (2018, p. 7) “colocar a prática artística no centro da



pesquisa é a condição mesma da PaR, a prática conduz o processo”. Dessa forma, a partir de uma pesquisa entre educação e teatro, entendemos que a

Prática Artística como Pesquisa implica em usar os modos, percursos, princípios e procedimentos do processo artístico em questão para explorar como desenvolver a pesquisa acadêmica em si mesma, percebendo, delineando, traçando, materializando e relacionando as principais questões elencadas no processo investigativo e suas possíveis resoluções inovadoras e relevantes para o campo e para além dele (Fernandes *et al.*, 2018, p. 9).

Dessa forma, para que a prática e a pesquisa aconteçam, precisamos das pessoas participantes em relação a partir da experiência entre/no/com o meio em que a pesquisa acontece, acolhendo suas transformações no decorrer dos processos e inclusive desvelando suas limitações.

2.1 TRANSBORDAR: Caminhos, Rastros e Atravessamentos

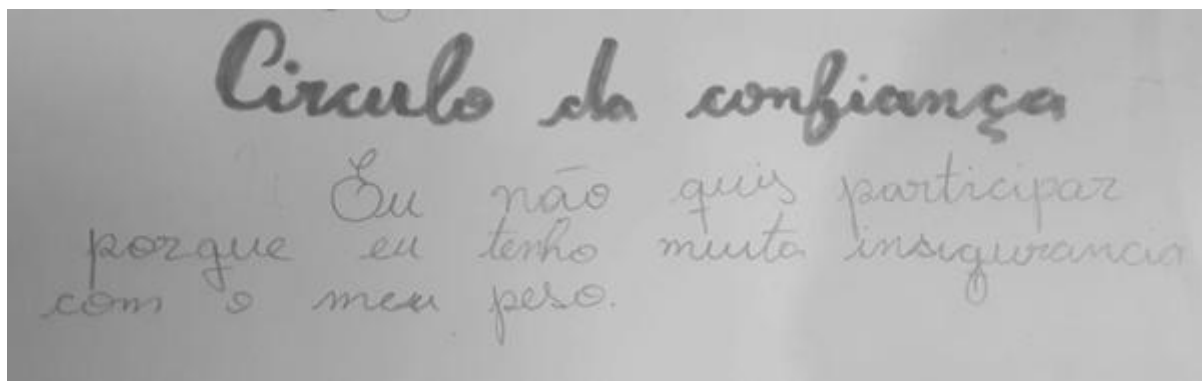
As “cenas de emancipação” que compuseram a pesquisa buscaram manifestar os acontecimentos, coisas produzidas nos encontros. Levando em consideração uma prática intencional que buscou repensar as práticas teatrais e educativas a partir de perspectivas criativas que se criaram na presença, na interação e experiência sensível dos corpos.

Como percebemos no que intitulamos cena “Círculo da Confiança”, um dos primeiros jogos experimentados pelo grupo, inspirado no exercício “João bobo” de Boal (2007). Formamos um círculo, convidando alguém ao centro para, de olhos fechados e corpo ereto, deixar-se cair confiante, sendo amparado pelos colegas. Nas primeiras tentativas, sentimentos como medo, adrenalina e desconfiança foram comuns, com alguns participantes preferindo não ir ao centro ou realizando o movimento parcialmente. O importante era respeitar o tempo de cada um: ninguém era obrigado a participar. O jogo, além de trabalhar o controle e a desmecanização do corpo, possibilitou vivenciar a confiança coletiva e fortalecer vínculos, tornando-se um pequeno ritual de preparação para o estado teatral e sendo repetido em diferentes encontros. A experiência evidenciou desafios individuais e avanços no espírito de acolhimento do grupo, mostrando como práticas simples podem produzir aberturas



importantes para a aprendizagem e a convivência e a reflexão sobre as questões que nos atravessam, como se vê no registro de uma participante.

Figura 1 – Recorte de registro de participante sobre a prática do exercício teatral.



Fonte: A autora.

Nosso corpo e nosso entendimento sobre ele são atravessados e constituídos sob efeito de diversos fatores: cultura, genética, a história de vida de cada pessoa, entre outros aspectos. Tudo isso molda e orienta nosso funcionamento e constrói o imaginário sobre nossa existência no mundo. Dessa forma, uma aula de teatro não acontece fora e distante dessas construções.

No decorrer da pesquisa-prática com os adolescentes, percebia latentes os movimentos que acionavam em mim tensões, confrontações, deslocamentos e vontade de escrever sobre isso. Assim, resolvi me atentar a olhar sobre meu processo enquanto educadora, num exercício de questionamento da minha prática, mas também de auto-observação, pensando o que aconteceu comigo, entendendo que “o acontecimento em princípio é um laboratório de auto-observação” (Dubatti, 2014, p. 6). Em uma dessas leituras que arrebatam nosso corpo e passam a reverberar por dias e noites, li a seguinte passagem:

O professor de Teatro como agente político é aquele que defende uma política dos espaços, uma política dos corpos, uma política da recuperação dos desejos no ensinar e no aprender, ao viabilizar a aventura da experiência criativa (Mendonça, 2019, p. 182).



Algo que traduz meus desejos e parte do interesse nesta investigação está justamente na vontade que me move todos os dias ao escolher estar onde estou e fazendo o que faço “demarcando a atitude política de quem participa dos contínuos ajustes solicitados (e desajustes criados) por esse modo de inserção na vida: a docência” (Capra, 2017, p. 19). A escolha política que fiz nesses meses de prática educativa artística, ao encontrar um grupo de adolescentes e nos aventurarmos juntos a fazer teatro, deve ser presente a cada movimento, a cada fala, a cada olhar, a cada gesto. Entre diversos desafios cotidianos, a busca por encontrar táticas e gambiarras que façam essa escolha reverberar e ser acionada para não cair num abismo de lamentações, para mim, sem dúvidas, foi a mais desafiadora. Tomar minhas atitudes, todas elas, diante desse grupo, como geradoras de acontecimentos que dessem forma à experiência sensível, renovadora, e propulsora de desejos, de viver o processo educativo, com todas as suas possibilidades de amor. Tudo isso não é tarefa fácil, não tem receita e nem há como verificar. Mas essa aventura não é possível se não for tomada como parte fundamental desse percurso.

Estar preocupada em qual experiência está sendo proporcionada nesse espaço-tempo do encontro parece ser óbvio para quem escolhe essa profissão, mas me parece, cada vez mais, que precisamos reafirmar essa escolha e suas implicações, que não passam apenas por cumprir determinada carga horária e determinado currículo. Já sabemos que as instituições têm suas limitações, por isso é preciso atuar nessas limitações e buscar transformar esses espaços para que o fazer artístico aconteça de forma livre, abrindo portas e janelas para os possíveis.

Busquei, na medida do possível, me aventurar junto com o grupo nas experiências com os jogos e exercícios, demonstrar minha abertura e meu desejo de estar ali, para incentivá-los a participação. bell hooks (2020, p. 47) diz que essa disponibilidade no compartilhamento desses momentos

confirma a importância de expor pensamentos, de superar o medo e a vergonha. Quando todos nos arriscamos, participamos mutuamente do trabalho de criar uma comunidade de aprendizagem. Descobrimos juntos que podemos ser vulneráveis no espaço de aprendizado compartilhado, que podemos nos arriscar.



Trata-se de criar um processo educativo em que a inteireza é bem-vinda. Estar inteira na sala de aula, implicada e deixar-se afetar. Para Marina Garcés (2022, p.5)

Ser afetado é aprender a escutar acolhendo e transformando-se, rompendo algo em si mesmo e recompondo-se com novas alianças. Para isso são necessárias inteireza, humildade e gratidão. Aprender a escutar dessa maneira é acolher o clamor da realidade, em seu duplo sentido, ou em seus inúmeros sentidos: clamor que é sofrimento e clamor que é riqueza indecifrável de vozes, de expressões, de desafios, de formas de vida.

Penso que seja uma postura fundamental, e precisamos iniciá-la. Falando em iniciar, em outro texto, intitulado Do Mestre Ignorante ao Iniciador: forma escolar e emancipação intelectual (2020), o autor me provoca a pensar nesse desejo. Ao levantar o debate em torno das questões do Mestre Ignorante (2002), propõe um outro lugar, que se situa entre duas posturas distintas: a do mestre emancipador, que se desfaz de qualquer mediação ou explicação na relação pedagógica entre mestre e aluno, e a postura do mestre embrutecedor, que age nessa distância entre seu conhecimento e do aluno e utiliza da explicação para chegar ao aprendizado. Surge, então,

Um mestre pode ser iniciador porque, iniciado nas artes de uma área do saber, expõe, por seus gestos e palavras, a relação pessoal que foi capaz de estabelecer com certos objetos da cultura, reconfigurando seus sentidos à luz do presente. Iniciador porque presume que a inscrição de um sujeito no seio de uma cultura pressupõe seu igual direito à fruição e ao exercício da inteligência que sempre se processa em sua relação com objetos culturais que o antecedem em um mundo comum (Carvalho, 2020, p. 11).

A educadora iniciante que busquei (e ainda tenho exercitado) encontrar se questionava todos os dias sobre suas abordagens, dentro e fora da sala. Iniciante, também buscava iniciar seu processo emancipatório nos detalhes da sua existência, principalmente quando em encontro. Foi implicando-me cada vez mais no nosso fazer coletivo que a força da experiência cotidiana partilhada, cheia de emoções e força de vida me atravessou, para Garcés (2022, p.9) “implicar-se é descobrir que a distância não é o contrário da proximidade e que não há cabeça que não seja corpo.

Ou seja, que não se pode ver o mundo sem percorrê-lo”. Como artista/pesquisadora/educadora que sou, defender o teatro e as sensibilidades como



caminhos no meu fazer cotidiano passou/passa por esse refazer e refletir constantemente sobre minhas práticas artística e docente, reconhecer e descobrir as possibilidades (urgentes) de fazer educação com alegria, cores, sons, movimentos, de forma criadora, inventiva, brincalhona, cantante, ousada, aventureira, corajosa e política. Um educador ou uma educadora pode até se assumir como conservador(a), no sentido de alguém que faz de sua tarefa educacional um compromisso para manter o estado das coisas.

O que um educador não pode é considerar que o que faz não tem nada a ver com a ordem política do mundo que habita porque, de fato, fatalmente terá, seja para tentar mantê-la ou transformá-la. Assim, é crucial perceber a natureza política da educação porque é ela que vai determinar a perspectiva que um educador ou uma educadora adotará na sua prática. Isso também vai permitir estabelecer os limites que a educação tem em relação à transformação social. Segundo Freire (1989, p. 4)

a educação não é a chave, a alavanca, o instrumento para a transformação social. Ela não o é, precisamente porque poderia ser. E é exatamente essa contradição que explicita, que ilumina, que desvela a eficácia limitada da educação.

É preciso que não sejamos ingênuos de, por um lado, acreditar em uma educação poderosa a ponto de mudar o mundo, mas de, por outro, não negar a potência dela mesma, pois a questão do educador

não é discutir se a educação pode ou não, mas é discutir onde pode, como pode, com quem pode, quando pode, é reconhecer os limites que sua prática imponha. É perceber que o seu trabalho não é individual, é social e se dá na prática social que ele faz parte. É reconhecer que a educação não sendo a chave, a alavanca da transformação social, é, porém, indispensável à transformação social (Freire, 1989, p. 5).

Essa reflexão nos inspira a constantemente olhar para o lugar onde estamos inseridos e às pessoas com as quais compartilhamos o processo educativo nas suas singularidades e necessidades, não tomando a prática educativa como um método fechado e enrijecido, pois ele é fluído, diverso e plural. Como seres inacabados que somos,



É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente; o fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere (Freire, 1989, p. 57).

Pensar minha atuação docente nesse processo de pesquisa foi, inevitavelmente, me permitindo fazer reflexões não só voltadas às atitudes enquanto pesquisadora que tem seu fazer profissional como campo de pesquisa, mas também princípios determinantes da minha prática pedagógica daqui por diante assumindo a sala de aula como modo de ser para “transformar a sala de aula em um lugar de engajamento forte e aprendizado intenso” (hooks, 2020, p. 28). Penso que isso vá além de pensar espaços de maior participação e deve ser efetivado de alguma maneira, deve ser algo que provoque mais que um discurso bonito, que apenas represente atitudes virtuosas. É algo que também acontece no confronto, choque, atrito, nas contradições. Nesses atritos foi onde me vi também enquanto pesquisadora.

Muitas vezes procurava por uma ideia de “material de pesquisa” que forçosamente estava no meu imaginário do que seria fazer pesquisa. Tentativas frustradas de gerar dados por questionários, ou até mesmo conversas, me mostraram que o “material” que procurava estava num lugar de difícil acesso, ou que, por vezes, eu não conseguiria acessar. Hoje, penso que foi com teatro que passei a me relacionar com o conhecimento de um jeito diferente, a perceber as outras formas que ele se manifesta pelo corpo. O teatro me permitiu estar na vida de outras maneiras e redescobrir o desejo de criar. De certa forma, percebo que meu maior desejo foi que os adolescentes que estiveram comigo pudessem experienciar isso tudo também. Percebo, por fim, que toda essa experiência da docência-pesquisa que se deu de forma singular, situada e bastante especial me atravessou de tal maneira que retrata minhas buscas pelas possibilidades emancipatórias.

3 CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS



Sabemos que nossos corpos são aprisionados, disciplinados, docilizados, mecanizados, corpos estes que servem a desejos fabricados pelo capitalismo, que, fingindo nos nutrir, consome todo nosso desejo e força criativa, condicionando nossa existência. O fazer teatral no contexto educativo em que essa pesquisa se deu não só nos mostrou que os acontecimentos desses encontros podem perfurar e fraturar essas condições como agem como resistência a elas. Não é o teatro como salvação da humanidade, nem como conserto do mundo, mas é o teatro como possibilidade de agir no mundo.

Podemos, sim, afirmar que criamos situações em que as aulas de teatro puderam fomentar encontros potentes, singulares, junto aos adolescentes. E evidenciamos que, aqui, tratados como pesquisa, acionaram outras maneiras de poder percebê-los, dando atenção a alguns aspectos que talvez, na dinâmica corrida da vida e da docência, passem despercebidos. Uma das questões que observamos no decorrer desses encontros foi a possibilidade de vivenciar as experiências sem julgamentos, que é uma das grandes dificuldades perceptíveis nos espaços educativos.

Nas primeiras aulas de teatro é comum observarmos as dificuldades de participação e lidar com muitas recusas e risos pelos cantos quando algum colega toma coragem e decide fazer o exercício, porque aquilo parece estranho. Essas dificuldades encontradas inicialmente, como a vergonha do corpo, do outro, do toque, de estar sendo julgado e observado, de executar qualquer tipo de movimento que esteja fora dos executados cotidianamente, foi se dissolvendo no decorrer de nossas práticas, foi se transformando em confiança, em pequenos movimentos de abertura e entrega. Acreditamos que seja pela persistência e repetição, mas não só por isso. Há algo que acontece em nós quando entramos em um jogo ou exercício teatral, há algo que mobiliza nossos corpos a querer experimentar, e que não está na ordem do visível nem do dizível. Por isso, os chamamos de acontecimentos sensíveis e singulares.

Esta investigação pretendeu desenvolver as ideias sobre o ensino de teatro em espaço de educação não escolar, entendendo como primordial a recuperação do desejo de estar implicado na aventura do saber atrelada à prática educativa e artística que vivenciamos, que, no contexto desta pesquisa, também se revelou capturada pela



mentalidade capitalista e em muitos momentos refletindo a cultura da violência em que estamos inseridos. Dessa forma, o teatro entrou nessa disputa para criar caminhos desviantes no ato de produzir nossa existência nesse contexto, ensaiando novos corpos no viver. O ensino de teatro, seja no âmbito escolar, seja no âmbito não escolar, não é tarefa fácil. Confrontamo-nos, sim, com diversas dificuldades, mas são elas que nos desafiam a instaurar experiências sensíveis, como as retratadas em nossas cenas. Longe de nós defender que o que apresentamos aqui é a forma ou o método certo ou errado de construir experiências sensíveis na aula de teatro. Acreditamos que, assim como nós, muitos outros grupos, amparados por educadores e educadoras insistentes, porque implicadas com educação em teatro, vivem experiências muito importantes com teatro, dentro e fora da escola.

A escolha em agir por meio da Prática Artística como Pesquisa (PaR), mostrou-se como uma maneira singular e intensa de fazer pesquisa, à medida que acolheu generosamente as formas e as possibilidades de nós. Nós, enquanto vínculos possíveis entre teatro, educação e nossas cenas emancipatórias, e nós, enquanto coletivo, enquanto grupo que se fez junto.

Foi isso o que nos mostrou o intenso caminho a ser tomado, e que deixa um desejo de mais: um desejo de construir e alimentar nossa sala de aula de experiências sensíveis e que humanizam cada vez mais nossa existência em um mundo tão perverso. É dessa forma que carregamos de sentidos nossos encontros, em que pintamos, mesmo que no espaço/tempo de cinquenta minutos, nossas cenas emancipatórias.

REFERÊNCIAS

CAPRA, Carmen Lúcia. **Problematizações sobre políticas da arte na licenciatura em artes visuais**: é preciso gostar da arte de outro jeito, a licenciatura é uma praça. Programa de Pós-graduação em Educação, 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/174852>. Acesso em: 17 set. 2025.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Do Mestre Ignorante ao Iniciador: forma escolar e emancipação intelectual. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/SpsbMnzHbVnDVQMm35vjPXM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 ago. 2025.



DEFFACI, Kátia Salib. **ESPIRAL**: educação somática e primeira infância na licenciatura em dança. 2021. 119 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1641858>. Acesso em: 22 ago. 2025.

DUBATTI, Jorge. Teatro como acontecimento convivial: uma entrevista com Jorge Dubatti. [Entrevista concedida a] Luciana Eastwood Romagnoli & Mariana de Lima Muniz. **Urdimento**, v. 2, n. 23, p. 251-261, 2014. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/viewFile/141457310223201451/4049>. Acesso em: 25 ago. 2025.

FERNANDES, Ciane et al. A Arte do Movimento na Prática como Pesquisa. **Anais da ABRACE**, v. 19, n. 1, p.1-24, 2018. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3913>. Acesso em: 10 set. 2025.

FREIRE, Paulo. Palestra do professor Paulo Freire no Seminário Educação e Direitos Humanos. São Paulo: **Acervo Paulo Freire**. 1989. Disponível em: https://www.acervo.paulofreire.org/jspui/bitstream/7891/4529/1/FPF_OCP_04_0484.pdf. Acesso em: 23 ago. 2025.

GARCÉS, Marina. A honestidade com o real. **Chão da Feira**, Belo Horizonte, n. 155, p. 1-13, outubro 2022. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno155/>. Acesso em: 22 ago. 2025.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. Tradução: Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

MENDONÇA, Célida Salume. Corpo, Espaço e Materialidades: o professor de teatro mediando a criação de um novo lugar. In: CRUZ, Carla et al. (Coords.). **A busca do comum**: práticas artísticas para outros futuros possíveis. Lisboa: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade - i2ADS, 2019. p. 1182-189. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/11594>. Acesso em: 13 set. 2025.

VIANNA, Arthur Ferreira; SIRINO, Márcio Bernardino; MOTA, Patricia Flávia. Para além da significação ‘formal’, ‘não formal’ e ‘informal’ na educação brasileira. **EDUCAÇÃO**, v. 8, n. 3, p. 584-596, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p584-596>. Acesso em: 20 set. 2025.

WIERSBITZKI, Patricia da Silva. **Possibilidades de nós**: teatro, educação e cenas emancipatórias. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós graduação, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Osório, 2023. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/3078>. Acesso em: 02 set. 2025.